

# *A História do Brasil em movimento: tristeza e melancolia como fundamentos da nacionalidade em Os Sertões.*<sup>1</sup>

Felipe Charbel Teixeira<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo procura discutir a argumentação de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, com atenção para o modelo de filosofia da história delineado pelo autor. Argumenta-se que tal filosofia da história sustenta a definição de uma essência nacional, identificada com a tristeza e a melancolia.

## Palavras-chave

nação, filosofia da história, Euclides da Cunha.

## Abstract

This article analyzes the arguments of Euclides da Cunha's *Os Sertões*, with a special attention to the philosophy of history which is presented in the book. One defends that such a philosophy of history supports the definition of a national essence, identified to sadness and melancholy.

## Keywords

nation, philosophy of history, Euclides da Cunha.

O martírio do homem, ali, é o reflexo de tortura maior, mais ampla, abrangendo a economia geral da Vida. Nasce do martírio secular da Terra...

(Euclides da Cunha. *Os Sertões*).

Este texto não é o resultado de um estudo profundo sobre Euclides da Cunha, tampouco uma incursão demorada no problema da formação da nacionalidade brasileira. Trata-se da discussão do modelo de filosofia da história que alicerça a construção de *Os sertões*, modelo este que se mostra crucial para a definição da tristeza e da melancolia como elementos fundadores da nacionalidade brasileira. O caráter nacional é construído, para Euclides da Cunha, como resultado de um processo que tem seu momento embrionário no insulamento do mestiço *curiboca*, ocorrido no século XVII, e se torna *identificável* pelo contato, em fins do XIX, de duas temporalidades distintas: a “civilização de empréstimo” litorânea e o sertão “atávico”. Refiro-me à constatação de uma “contemporaneidade do não-contemporâneo” – expressão cunhada por Reinhart Koselleck para caracterizar a simultânea percepção de um processo histórico e de suas descontinuidades –, a partir da qual Euclides da Cunha vislumbra uma solução para o impasse da nacionalidade: a supressão – no

sentido hegeliano de *aufhebung*, ou a síntese que conserva e renova – de dois elementos fracos com vistas à formação de uma raça forte, o brasileiro. Forte porém triste, é o que quero dizer. Pois justamente da tristeza origina-se parte dessa força, na medida em que ela se dá a ler como marca da fusão do homem com o meio circundante – tornar-se a própria terra.

### Raça, meio e tristeza.

Nos primeiros decênios do século xx, havia entre os intelectuais brasileiros alguns consensos acerca da formação da nacionalidade brasileira. Com raras exceções, a questão da identidade nacional era pensada a partir dos prismas da ciência evolucionista europeia da segunda metade do século xix, o que propiciava, na aplicação destes princípios à realidade local, a disseminação de análises centradas nas idéias de “tristeza”, “melancolia”, “doença” e “degeneração”.<sup>3</sup> As noções de “meio” e “raça” possuíam amplo destaque no vocabulário científico do período, uma vez que estes dois fatores eram percebidos como elementos centrais para a caracterização do atraso do país em relação às nações europeias e aos Estados Unidos.<sup>4</sup> Em estudo cuidadoso sobre a *Revista do Brasil*, Tânia de Luca defende que, até a década de 1920, predominavam no periódico artigos sobre o problema da formação de um “tipo antropológico nacional, etapa reputada essencial para a superação definitiva dos embaraços que acompanhavam a mestiçagem”.<sup>5</sup> As mazelas de uma nacionalidade incompleta eram motivo de amplo debate entre os intelectuais do início do século, e muitos se viam com uma “missão”, a de atuar justamente como agentes do progresso em um país caracterizado por atrasos e antinomias.<sup>6</sup> Para tanto, mobilizavam alguns elementos teóricos da ciência europeia – muitos dos quais já se encontravam em desuso no início do século xx –, sobretudo o conceito de *raça*, o que incidia nos seguintes paradoxos teóricos: como construir uma nação que caminhasse na direção do progresso se as bases étnicas do país se mostravam completamente desfavoráveis a este movimento, haja vista a miscigenação evidente e ausência de um “tipo antropológico comum”? Como construir uma nação forte a partir de homens frágeis?

As respostas a estas indagações eram bastante variadas. Uma parte dos intelectuais sustentava que o Brasil, em alguns decênios, passaria por um processo natural de branqueamento; esta era, por exemplo, a posição de Silvio Romero. Outros, como Monteiro Lobato e Osvaldo Cruz, argumentavam que o problema central estava nas doenças que afetavam a população; defendiam, assim, uma higienização do país.<sup>7</sup> A análise dos “desequilíbrios da formação” nacional era tomada como ponto de partida por aqueles que se detinham no exame das vicissitudes brasileiras. Sub-raças mestiças, climas hostis ao desenvolvimento intelectual, excessiva volúpia e apego desmedido às riquezas fáceis: os brasileiros pareciam dominados pela atmosfera tropical

e pela degenerescência oriunda das contínuas fusões raciais, o que fazia do futuro nacional um ponto de interrogação.

Por conta deste pessimismo dominante, proliferava a visão do brasileiro como um povo triste e melancólico. Pode-se destacar, nesse sentido, o *Retrato do Brasil* de Paulo Prado, o *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda e *Os sertões* de Euclides da Cunha. Se para o primeiro “o véu da tristeza se estende por todo o país”, como resultado de uma combinação entre luxúria e cobiça que viria desde o período colonial, o segundo sustenta que “o brasileiro é um desterrado em sua própria terra”, e que a melancolia do colono português havia se prolongado no brasileiro, como herança ibérica incorporada. Também Euclides, nas seções “A Terra” e “O Homem” de sua obra magna, faz referência ao abatimento do sertanejo, resultado do isolamento de três séculos do homem miscigenado junto a uma natureza marcada por “traços melancólicos”, “mandacarus despidos e tristes” e uma “paisagem atormentada”. Trata-se da delineação de dois traços marcantes de uma possível essência nacional: a tristeza e a melancolia. Acostumamo-nos, a partir da segunda metade do século xx, aos chavões da alegria e felicidade do brasileiro, expressos em manifestações culturais como o samba e o futebol; deve-se considerar, porém, que, para diversos pensadores do início do século xx, o elemento característico do brasileiro era precisamente seu aspecto macambúzio, resultante de apetites desenfreados, doenças seculares ou ambientes naturais desfavoráveis. Assim dizia Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*: “Do enfraquecimento da energia física, da ausência ou diminuição da atividade mental, um dos resultados característicos nos homens e nas coletividades é sem dúvida o desenvolvimento da propensão melancólica”<sup>8</sup>.

O *topos* da melancolia remete à doutrina hipocrática dos “quatro humores”, em que o temperamento melancólico era associado ao excesso de bile negra no organismo.<sup>9</sup> Durante o Renascimento, teve grande destaque a idéia de que a melancolia era uma característica fundamental da personalidade dos gênios; nos séculos seguintes, a melancolia foi analisada em diversos tratados teóricos e médicos, e também se revelou elemento importante para a idéia de si que os artistas românticos traçavam. Na passagem do século xix para o xx, o aspecto produtivo da melancolia é secundarizado, diante de sua apreciação como desvio patológico, o que pode ser atestado em *Luto e melancolia* (1917), de Sigmund Freud.

No caso brasileiro, a disposição melancólica da população era relacionada diretamente ao aspecto doentio dos homens. Nesse sentido, entendia-se que tanto a sífilis quanto a febre amarela teriam imprimido na população as marcas do abatimento e da fraqueza. Aliada a essas doenças, havia o temido cruzamento racial, que, supunha-se, acabava consagrando aos mestiços as piores características de cada grupo original: assim, as diversas

“sub-raças” brasileiras compartilhavam a tristeza dos lusitanos – povo desesperançado, degredado na colônia em busca de ouro e prazeres –, dos indígenas – preguiça e fragilidade – e dos negros – marcados pelo *banzo*.<sup>10</sup> Dessas combinações, emergiam tipos diferenciados, porém semelhantes no caráter lúgubre da existência compartilhada em terras tropicais. Ainda que incipiente, a nacionalidade brasileira carregava a pecha da tristeza, e nem mesmo as ações de sanitaristas, engenheiros e literatos pareciam capazes de dissipá-la plenamente; por esta razão, muitos intelectuais caracterizavam-na como elemento determinante da essência nacional.

“Numa terra radiosa vive um povo triste”. Esta frase, que abre o *Retrato do Brasil* de Paulo Prado, é seguida da assertiva: “Legaram-lhe essa melancolia os descobridores que a revelaram ao mundo e a povoaram”. O problema da origem se faz presente: que tipo de força histórica teria alicerçado a construção de um povo fadado ao abatimento? Que fatores teriam determinado a prostração de mulatos e caboclos? A busca da gênese do atraso brasileiro conduzia a um certo momento inicial, ponto de partida de uma nacionalidade incipiente: com a chegada dos portugueses a estas terras, teria germinado o embrião da tristeza. Verdadeira expulsão do paraíso, em que três raças se lançavam no percurso maldito de uma nacionalidade mal-formada, destinada ao limbo da História.

Como demonstra Flora Süssekind, já nos primórdios do romantismo brasileiro a questão da origem se impunha fortemente, uma vez que a delimitação da essência nacional demandava o estabelecimento dos pilares da nação, na afirmação de algo que “sempre esteve lá”. Segundo a autora, “tornava-se mais urgente, para a ‘elite ilustrada’, afirmar identidades, origens e essências ‘nacionais’, mapear *um* Brasil pitoresco, territorialmente ao menos, coeso e singular”.<sup>11</sup> A coesão poderia ser encontrada de duas maneiras: na paisagem natural – que foi o percurso dos românticos do século XIX – e na história colonial – perspectiva predominante entre os intelectuais do início do século XX, que buscavam uma concepção mais “objetiva” acerca da constituição do caráter nacional brasileiro. Não que estes dois percursos deixassem de se imbricar; porém, segundo a argumentação da autora, o desarme das “idéias fixas” operado pela ficção machadiana no fim do século XIX parecia indicar, entre outras coisas, a necessidade de repensar o papel da natureza, trazendo ao primeiro plano a relação desta com o elemento humano. Assim, se no Romantismo brasileiro, pelo menos em seu impulso inicial, a questão da origem esteve ligada a um “ponto de mira fixo” – a “paisagem-só-natureza” –, para os autores do início do século XX a releitura do passado colonial revelava-se decisiva.

A seguir, discutirei o percurso analítico traçado por Euclides da Cunha n’*Os sertões*, no sentido de apresentar a tristeza e a melancolia como registros marcantes da vida sertaneja; defenderei também que a caracterização

da tristeza e da melancolia como elementos fundadores da nacionalidade brasileira não pode ser dissociada do modelo de filosofia da História que sustenta a construção argumentativa do livro. Em Euclides, como em Paulo Prado, a melancolia e a tristeza não são pensadas como puros desvios patológicos. Conquanto fossem comumente relacionadas às doenças do corpo e ao abatimento da alma, decorrentes da luxúria, cobiça ou do caráter predatório da ocupação territorial, a melancolia também poderia ser entendida como semente da potencial genialidade do povo brasileiro.<sup>12</sup> De modo que, tanto para Paulo Prado como para Euclides da Cunha, o abatimento nacional poderia ser revertido em esperança de uma raça excepcional, desde que fossem fornecidos meios adequados para a realização deste futuro ideal. E em Euclides, particularmente, a tristeza e a melancolia resultam diretamente da fusão do homem com o meio, tipificando uma singularidade que simultaneamente marcava a unidade nacional e adequava o Brasil à marcha inexorável da História Mundial.

### **A História brasileira em movimento**

Na primeira parte d'*Os sertões*, Euclides da Cunha apresenta suas impressões iniciais, resultantes do contato de três meses com a região sertaneja. Saltam aos olhos as inúmeras metáforas sobre as paisagens e vegetações sertanejas: “mandacarus tristes”, “o sol como inimigo”, “pedras nuas”, “matos doentes”, vegetações vitimadas por “espasmos dolorosos”; tudo emoldurado por paisagem de “monotonia inatural”. No decorrer da leitura, as metáforas se revelam mais que figuras de linguagem: trata-se de efetiva *antropomorfização da natureza*, a atribuição de caracteres humanos a rochas e paisagens, árvores e plantas. A natureza apresenta *em-si* seu próprio *telos*: ela é “solenemente triste”, fechada, inabitável.<sup>13</sup> Repele o homem, impossibilita a civilização, inscreve desolação e a tristeza nas flores que brotam e nos seres que se arriscam a viver.

Na segunda parte do livro – *O Homem* –, os espasmos continuam, e dessa vez afligem diretamente àqueles que lá habitam. Ao tratar da formação das raças brasileiras, Euclides percebe, com pesar, a ausência de unidade antropológica – questão que, aliás, angustiava a maior parte da intelectualidade brasileira naquele início de século xx. No caso de Euclides, porém, ela ganha um contorno inesperado: a miscigenação deixa de ser tratada como problema, e passa a ser vista como parte da solução dos impasses da nacionalidade. O tema da gênese de uma “raça forte” parece percorrer todas as páginas do livro, e, ainda que isto soe paradoxal, ele verá naquele homem “raquítico”, habitante dos sertões remotos, a “rocha viva” da nacionalidade.

Conquanto busque a semente antropológica capaz de incidir na formação de uma “raça forte”, Euclides se vê diante de alguns impasses, originados no abismo entre observação empírica e comprovação teóri-

ca.<sup>14</sup> Diz ele: “O brasileiro, tipo abstrato que se procura (...) só pode surgir de um entrelaçamento complexo”.<sup>15</sup> Tanto a existência de três matrizes raciais distintas – branco, negro e indígena –, quanto a diversidade climática acarretavam uma enorme dificuldade para a construção de um “tipo antropológico” bem definido. No litoral, habitava uma “civilização de empréstimo”, marcada pela imitação dos valores estrangeiros e pela mestiçagem desbragada; caboclos e mulatos, no litoral e no interior, ajudavam a diluir os elementos positivos das três raças, perpetuando as características negativas de cada uma delas. Levando em conta estes fatos, Euclides tece um juízo decisivo:

*“Não temos unidade de raça. Não a teremos, talvez, nunca. Predestinamos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos” (Os sertões, p. 84).*

Condenados à civilização, porém sem unidade de raça: apenas o futuro remoto poderia garantir a formação de um povo forte, autêntico e, sobretudo, homogêneo. O branqueamento parecia a Euclides não só uma idéia distante, como inadequada teórica e socialmente. Onde buscar, portanto, as raízes dessa raça forte? *O olhar para o sertão parece abrir a Euclides um novo horizonte, simultaneamente futuro e passado*: ilhado em um torrão inóspito do sertão da Bahia, vivia um povo valente, capaz de proporcionar justamente as bases étnicas de que carecia a “civilização de empréstimo”. Ainda que “desgracioso”, refletindo a “fealdade típica dos fracos”, o habitante do sertão demonstra uma completa adaptação ao meio físico. Naquele canto esquecido do Brasil, Euclides enxerga o que em sua concepção faltava aos litorâneos: vigor, determinação e autenticidade.

Estas impressões, porém, precisavam ser justificadas à luz da ciência. Concordo com Luiz Costa Lima quando este aponta a inadequação da maior parte das leituras d’*Os sertões*, que ora procuram analisar o livro como “obra literária”, ora como um texto “revelador da realidade brasileira”. Nem um, nem outro: o texto de Euclides da Cunha porta, sim, um projeto científico, e tratá-lo como obra literária ou simplesmente “reveladora” é passar por cima da própria argumentação do autor, seus propósitos e objetivos. A literatura, para Euclides, possuía um aspecto meramente ancilar; ao mesmo tempo, a “revelação da realidade” era apenas uma parte de seu amplo entendimento. Como sustenta Costa Lima, o livro é marcado por leituras – mas sobretudo *desleituras* – de autores como Comte, Gumplowicz e Spencer. Suas considerações são formuladas com bases nas

teorias raciais e evolutivas sustentadas por estes autores; todavia, as idéias defendidas pelo escritor brasileiro muitas vezes se chocavam com as premissas teóricas dos intelectuais supracitados, de modo que Euclides as reinventava, adaptando-as às suas observações empíricas.

Além das referências teóricas citadas, existe n'Os sertões um constante diálogo, no plano filosófico, com Hegel, sobretudo o Hegel das *Lições sobre a Filosofia da História*. Ainda que seja conhecido o apreço de Euclides pela obra do filósofo alemão, o papel desta recepção na construção dos argumentos de Os sertões é pouco estudado.<sup>16</sup> Cabe destacar certos elementos do modelo hegeliano de filosofia da História presentes n'Os sertões: o aspecto não linear do movimento da História; o progresso por “saltos” e não por simples causalidade; a leitura finalista da formação da nacionalidade brasileira, que atribui o aspecto de etapas a certos momentos do passado colonial; além da presença de uma *suprassunção* final, pela qual se dá a *atualização* do brasileiro, preservando e transformando diversos aspectos da sub-raça sertaneja e da civilização de empréstimo litorânea. Assim como faz com Spencer, Comte e Gumplowicz, Euclides lê Hegel a seu modo, atentando para o que poderia lhe servir, e descartando outros elementos. Nesse sentido, pode-se dizer que a leitura de Euclides não é a aplicação direta do modelo hegeliano à realidade brasileira; trata-se, antes, da apropriação de certos elementos, livremente escolhidos em função de sua adaptabilidade aos propósitos do autor, elementos estes que são associados a algumas formulações estranhas ao filósofo alemão. Pode-se destacar, por exemplo, o caráter determinista do “encontro marcado” entre a sub-raça sertaneja e a civilização de empréstimo litorânea, não condizente com a idéia hegeliana do retorno a si do Espírito em sua alteridade, a qual não comporta tal pré-determinação normativa. Seria necessário pesquisar mais detidamente a leitura de Hegel operada por Euclides, assim como as continuidades e descontinuidades existentes em tal relação, o que foge ao propósito central deste estudo. Ainda assim, pode-se dizer que Os sertões apresenta uma reflexão riquíssima sobre a *História brasileira em movimento*, na medida em que Euclides procura pensar o lugar especial do Brasil em relação aos estágios evolutivos da História Mundial. Se sua intuição parecia lhe dizer que o sertanejo era a “rocha viva” da nacionalidade, era preciso delinear o processo de constituição histórica desta sub-raça, e explicar: (a) por que razões ela poderia constituir a base étnica da futura nacionalidade, o que levava a (b), a necessidade de discutir os fatores que teriam levado a esta formação única e especial. O autor busca no passado colonial as respostas para os dilemas presentes; analisa a origem do sertanejo, assim como os momentos evolutivos deste grupamento étnico em relação ao restante do país, e se preocupa em examinar as diversas maneiras pelas quais os homens do sertão poderiam ser incorporados como elementos fortificadores,

capazes de dar à “civilização de empréstimo” litorânea os caracteres que esta não possuía.

Para tanto, Euclides parte da gênese do “paulista”; ao longo do século XVII, “período agudo da crise colonial”, este teria se formado como “tipo autônomo”. Segundo o autor,

“O paulista – e a significação histórica deste nome abrange os filhos do Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e regiões do sul – erigiu-se como um tipo autônomo, aventureiro, libérrimo, com a feição perfeita de um dominador da terra, emancipando-se, insurrecto, da tutela longínqua, e afastando-se do mar e dos galeões da metrópole, investindo com os sertões desconhecidos, delineando a epopéia inédita das bandeiras” (*Os Sertões*, p. 95).

Assim, Euclides vê na “onda impetuosa do Sul” o impulso primeiro em direção à nacionalidade, isto porque a ação dos bandeirantes teria permitido o contato e fusão do elemento português com os silvícolas que habitavam as regiões remotas do país. Imbuídos de um “espírito de independência” em relação à metrópole, os paulistas ocuparam a vastidão das florestas, à procura de ouro e escravos, em oposição deliberada ao “Brasil oficial” – para utilizar expressão de Alceu de Amoroso Lima –, representado pelo colono português. Diz Euclides: “Na plenitude do século XVII o contraste se acentua. Os homens do Sul irradiam pelo país inteiro. Abordam as raias extremas do Equador. Até aos últimos quartéis do século XVIII, o povoamento segue as trilhas embaralhadas das bandeiras”.<sup>17</sup>

As vagas de ocupação interiorana seguiam, em suas palavras, “incansáveis, com a fatalidade de uma lei”.<sup>18</sup> Lei esta que representava o próprio destino histórico da formação da nacionalidade, impulso originário que atraía o sulista ao encontro dos silvícolas do Norte. Neste encontro marcado, paulistas e indígenas dão origem ao *curiboca*, mestiço sertanejo que herda tanto o espírito aventureiro dos bandeirantes quanto a vitalidade dos silvícolas. Como veremos, a realização do destino histórico da nacionalidade valeu-se de sinais, os quais se impunham aos diversos grupamentos populacionais, chamando-os ou repelindo-os ao contato. A natureza atuava como essa força por um lado acolhedora e por outro cruel, impelindo o sulista ao encontro histórico – como elemento ativo da formação –, junto ao repellido indígena do Norte, aprisionado por um meio devastador. Desse encontro, resultará a própria semente da essência nacional, que ficará adormecida por trezentos anos no inóspito sertão.

Para garantir o que, nas palavras de Euclides, era um “cruzamento inevitável” foi necessária a atuação da natureza, verdadeiro agente da filosofia da História. As distinções climáticas, aliadas a diversos tipos de

cruzamentos raciais, “preparou o advento de sub-raças diferentes”, nas várias latitudes do território. Ao sul do país, os *paulistas* encontraram uma natureza extremamente receptiva e convidativa, que os *impelia* a longas explorações e incursões aventureiras. Em primeiro lugar, havia a serra do Mar, que anulava o apego ao litoral; assim, desde os primórdios da colonização, o paulista se via distante dos perigos da “civilização de empréstimo” litorânea. Este *primeiro insulamento* na região vicentina permitiu o desenvolvimento das características centrais desses homens, o que contribuiu decisivamente para a aventura em direção ao Norte, a qual deu origem ao *segundo insulamento*, este sim, como veremos a seguir, o fator determinante para a formação do sertanejo.

Também os rios convidavam os bandeirantes às entradas; nasciam no mar, e corriam para o interior, revelando em seus caminhos a “atração misteriosa das minas”. Afinal, diz Euclides, “a terra atrai o homem; *chama-o para o seio fecundo*; encanta-o pelo aspecto formosíssimo; arrebatá-lo, afinal, irresistivelmente, na correnteza dos rios”. Levado pela natureza, o homem cumpre seu destino de tecelão da História em sua astúcia; recebe os chamados do meio, como se de algum modo tivesse a intuição da racionalidade deste destino. É como se o próprio desenho dos rios trabalhasse para o acolhimento: o Tietê, com seu “traçado eloqüentíssimo”, atua como estrada natural para as entradas; já o São Francisco se faz caminho natural para as bandeiras. Diz Euclides: “abrindo aos exploradores duas entradas únicas, à nascente e à foz, *levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte*, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um *unificador étnico*, longo traço de união entre duas sociedades que não se conheciam”.<sup>19</sup>

O acolhimento da natureza revelou-se, segundo o autor, um fator crucial para o sucesso das vagas sulistas. Diz Euclides que “as circunstâncias históricas, em grande parte oriundas das circunstâncias físicas, originaram diferenças iniciais no enlace das raças, prolongando-as até o nosso tempo”. Enquanto os paulistas eram chamados e acolhidos pela natureza, no Norte o espetáculo da colonização sofria incríveis reveses: as invasões holandesas atuaram como elemento inibidor, ao trazerem para a região os indesejados colonizadores portugueses. “Apertados entre os canaviais da costa e o sertão”, os habitantes da região não se aventuravam ao interior; se, ao sul, a natureza havia se mostrado acolhedora, “o filho do Norte”, nas palavras do autor, “não tinha um meio físico, que o blindasse de igual soma de energias”.<sup>20</sup> Se, ao sul, a natureza se mostrava receptiva, no norte do país ela se equipava de suprema hostilidade. Afirma Euclides:

*“Mas o colono nortista, nas entradas para oeste ou para o sul, batia logo de encontro à natureza adversa. Refluía prestes ao litoral sem o atrevimento dos dominadores, dos que se sentem à von-*

*tade sobre uma terra amiga, sem as ousadias oriundas da própria atração das paragens opulentas e acessíveis” (Os sertões, p.98).*

Natureza que acolhe, natureza que repele: *natureza, agente da Razão, mecanismo do encontro marcado: o destino histórico da nacionalidade*. No Norte, a história se desenrolava de maneira teatral, porém pouco eloqüente. Já os paulistas representavam a marcha inexorável da História, arrebatadora, como tufão capaz de quebrar o caráter cíclico da existência inerte naquelas distantes terras sertanejas. Chegaram para construir o embrião da nacionalidade, para impor a força do homem mesmo em ambiente agressivo. Surge, nas palavras do autor, “na região que interfere o médio S. Francisco, um notável povoamento do qual os resultados somente depois apareceram”. Este “notável povoamento” é o resultado das fusões ocorridas no século XVII, em que o *curiboca* se origina a partir dos cruzamentos dos paulistas com as indígenas. O mestiço sertanejo nascia, segundo Euclides, “de um amplexo feroz de vitoriosos e vencidos”, do enlace entre a “gente entusiasta e enérgica das bandeiras” com a “impulsividade do indígena”.<sup>21</sup> Nestas paragens, ficaram, nas palavras do autor, “inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que se desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins. *O meio atraía-os e guardava-os*”.<sup>22</sup>

Ainda que insulado nos sertões, este mestiço não perdeu a valentia inerente ao bandeirante paulista. Guardado pela natureza do Norte, o *curiboca* permaneceu isolado por quase três séculos, período em que se formou lentamente a “sub-raça” sertaneja; esta, a despeito de sua frágil aparência, possuía tanto o vigor e bravura dos bandeirantes, quanto a resistência e impulsividade do indígena. “Livre de elementos estranhos”, formou-se na região dos sertões um tipo humano completo, resultante de cruzamentos uniformes, o que de certa forma ia de encontro aos princípios teóricos do evolucionismo, amplamente difundidos no início do século XX, os quais preconizavam que as fusões étnicas levavam necessariamente ao surgimento de sub-raças enfraquecidas. Segundo Euclides, dá-se o oposto no sertão: a gênese de uma sub-raça única, dotada de “fisionomia original”, homens de características aventureiras e taciturnas, lúgubres e enérgicas, fortes e acomodadas. Nas palavras do autor, “o sertanejo do Norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída”.<sup>23</sup>

Por conta de três séculos de isolamento, o homem dessa região foi alijado do movimento da História, o que acabou se mostrando profícuo. Diz Euclides que “o abandono em que jazeram teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados”. No

final do século XIX, a campanha de Canudos revelou ao Brasil esta população, onde predominavam crenças medievais e características de “estágios sociais inferiores”. Segundo Euclides, “uma grande herança de abusões extravagantes, extinta na orla marítima pelo influxo modificador de outras crenças e de outras raças, no sertão ficou intacta”. Caracterizados por um tipo de atavismo, estes homens representavam o próprio momento em que haviam se insulado, adquirindo, nas palavras do autor, “a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo”<sup>24</sup>, como se ali o tempo tivesse permanecido imóvel por três séculos:

*“Imóvel o tempo sobre a rústica sociedade sertaneja, despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que enlaçavam, doidos, o Miguelinho ou o Bandarra. Nem lhe falta, para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo sigularmente impressionador, nos sertões do Norte”* (Os sertões, p. 156).

Trata-se de uma efetiva *contemporaneidade do não contemporâneo*, para utilizar expressão de Koselleck: habitavam um mesmo território, em fins do século XIX, dois tipos distintos, separados por quase trezentos anos de continuidade histórica.<sup>25</sup> Afirma Euclides: “O retrógrado do sertão reproduz o *facies* dos místicos do passado. Considerando-o, sente-se o efeito maravilhoso de uma perspectiva através dos séculos. Está *fora do nosso tempo*”.<sup>26</sup> A percepção de que coexistiam duas temporalidades distintas, ao mesmo tempo em que aturdiava o autor, o estimulava a pensar a renovação da decrépita civilização litorânea: aquela “rocha viva” atávica continha em si o *mito da pureza originária*, a bravura dos remotos bandeirantes que seguiam inexoravelmente o fluxo da História, se deixando levar pelos chamados da natureza. Utilizando novamente a terminologia de Koselleck, abre-se a Euclides um novo horizonte de expectativas, fruto da articulação entre passado e futuro, origem e progresso.<sup>27</sup> Como se, num piscar de olhos, o embrião da História nacional se dispusesse à sua observação, às suas experimentações e elucubrações. *Ali, naquelas paragens desérticas, estavam preservadas, quais vestígios arqueológicos, as sementes originárias da nacionalidade*. E, daquele homem rústico e retrógrado – porém dotado de força e boa compleição –, poderia emergir o antídoto da “cultura de empréstimo” litorânea.

Euclides lamenta que a ação do Exército na Campanha de Canudos tenha abortado a possibilidade de lenta incorporação dos sertanejos. A guerra acabou dizimando não só aqueles homens, mas também a espe-

raça do autor de que se pudesse constituir, em território brasileiro, uma raça forte, capaz de engendrar uma nacionalidade autêntica e bem formada.<sup>28</sup> Mesmo assim, Euclides se vê com a missão de mostrar ao mundo, sobretudo aos “futuros historiadores”, suas considerações, uma vez que junto com aqueles homens jazia a própria essência nacional. Mas que essência? O que ela trazia consigo?

### Tornar-se a própria terra

O isolamento a que foi submetido teria incrustado no sertanejo algumas características. Por um lado, ele é um forte. Diz o autor que “basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas” para que ele se transfigure, e adquira “inesperadamente o aspecto dominador de um titã acobreado e potente”. Aliado a esse aspecto, contudo, podem ser percebidos nos sertanejos elementos de abatimento, resignação e impulsividade; trata-se, nas palavras de Euclides, de uma “intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas”. O sertanejo alterna estados de espírito, como se fosse um “condenado à vida”, que se fez “esperto, resignado e prático”. Se é um forte, o sertanejo também é um homem triste. Isto se deve ao fato de que, por conta do insulamento de três séculos, ele acabou por adquirir as características centrais do meio circundante. Diz Euclides que o sertanejo é a “perfeita tradução moral dos agentes físicos de sua terra”, de tal modo que “reflete nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que rodeia”, natureza que “o talhou à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto”.<sup>29</sup> *Agente da filosofia da História, a natureza não só chama e repele o homem, mas também o marca lentamente, imprimindo no tipo humano as agruras de um meio hostil.*

Em diversas passagens do livro, a natureza é antropomorfizada, de modo que acaba por condicionar o próprio tipo humano que com ela entra em contato. Nas palavras de Costa Lima, “tal e qual mostrada, esta ambiência não é mero e neutro envoltório, mas anfiteatro que antecipa o destino de seu habitante”.<sup>30</sup> Nos sertões, impera a hostilidade da natureza em relação ao homem; este, ao resistir, e sobreviver em condições tão desfavoráveis, acaba resignando-se, incorporando “o traço melancólico das paisagens”. Aquela terra de “aspecto estranho” não pode gerar senão um homem abatido, marcado, nas palavras de Euclides, pelo “quadro tristonho de um horizonte monótono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requemado das *caatingas*”. Revelando estados de espírito tipicamente humanos – “natureza torturada”, “mandacarus despídos e tristes” –, a natureza grita e impõe ao homem o “aspecto atormentado das paisagens”. Já em sua formação, as rochas e morros da região teriam emergido de maneira abrupta, como se arquitetassem certa sublevação. Afirmo o autor: “porque se operava len-

tamente uma sublevação geral: as massas graníticas alteavam-se ao norte arrastando o conjunto geral das terras numa rotação vagarosa em torno de um eixo...”. Estes espetáculos de uma *natureza-agente* impressionaram a Euclides, deixando nele a certeza de que, naquele lugar, não poderia viver senão um homem triste. Trata-se da “impressão dolorosa” que, segundo o autor, “nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho do sertão”.<sup>31</sup> Vale reproduzir uma passagem em que descreve o Arraial de Canudos:

*“Emoldurava-o uma natureza morta: paisagens tristes; colinas nuas, uniformes, prolongando-se, ondeantes, até às serranias distantes, sem uma nesga de inato; rasgadas de lascas de talcoxisto, mal revestidas, em raros pontos, de acervos de bromélias, encimadas, noutros, pelos cactos esguios e solitários” (Os sertões, p. 203.).*

Marcada pela “fatalidade inexorável” da seca, a paisagem acaba por adquirir um “aspecto desolado”, caracterizado por “árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, de *flora agonizante...*”. E com estes mesmos traços os homens são marcados. Até mesmo o Sol é antropomorfizado, e passa a ser o “inimigo que é forçoso evitar”. Os cajueiros são anões, “fustigados dos sóis”, evidenciando “a inumação da flora moribunda”. Algumas plantas “unem-se, intimamente abraçadas, transmutando-se em plantas sociais”. Monstruosos e deselegantes “cabeças-de-frade” – tipo de vegetação que lembra cabeças decepadas – brotam na região, como se mercassem a “desordem trágica” que ali impera. Esta “vegetação agonizante, doente e informe” acaba gravando “em tudo monotonia inatural”<sup>32</sup>, a mesma monotonia que caracteriza a vida dos sertanejos, imersos nos ciclos das secas e longos períodos de estio; até mesmo as festas religiosas – responsáveis, segundo ele, pela renovação constante de crenças anacrônicas – contribuiriam para este fastio generalizado.

Nos sertões, “o martírio do homem” nasce do “martírio secular da Terra”. Martirizado, “permanentemente fatigado”, abatido e taciturno: tomado por constantes “preocupações com o futuro”, o sertanejo se fez “homem quase sem ter sido criança”. “Batalhador perenemente combalido e exausto”, ele “reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia”. Em sua vida “monótona e primitiva”<sup>33</sup>, carrega as marcas da tristeza e da melancolia, como que numa “variante trágica” da própria existência, o saber-se “dirigido de cima”, para utilizar as palavras de Costa Lima.<sup>34</sup> Diz Euclides que “o heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a *insurreição da terra contra o homem*”.<sup>35</sup> Este sentido trágico da vida sertaneja, resultado da

experiência direta com a natureza rude, escreveu, nos trezentos anos de insulamento, a essência triste e melancólica do homem daquela região, rocha viva que guardava consigo tanto o confronto com o meio quanto o impulso de tornar-se a própria terra. Guardava também a semente não germinada da força e grandeza de uma nacionalidade incipiente, condenada pelas ações ineptas das autoridades à eterna condição de virtualidade.

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo contou com auxílio financeiro da CAPES.

<sup>2</sup> Professor substituto de Teoria e Metodologia da História (UFRJ). Mestre em História Social da Cultura pela PUC-RJ, e doutorando no mesmo programa.

<sup>3</sup> O que não quer dizer que estas idéias, quando adaptadas à realidade brasileira, constituíam simples reflexo. Na realidade, como nota Roberto Ventura, “os sistemas de pensamento europeus foram integrados de forma crítica e seletiva, segundo os interesses políticos e culturais das camadas letradas, preocupados em articular os ideários estrangeiros à realidade local”. Cf. VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História, cultura e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 60.

<sup>4</sup> Como sustenta Lília Moritz Schwarcz, o conceito de raça “acabou recebendo uma interpretação sobretudo social”. Cf. SCHWARCZ, Lílian. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.17.

<sup>5</sup> LUCA, Tânia de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 186.

<sup>6</sup> Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 95-137.

<sup>7</sup> Sobre a posição de Sílvio Romero, conferir: LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: UNESP, 2002, pp. 237-256; acerca das posições de Monteiro Lobato, conferir: CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A República do Pica-pau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

<sup>8</sup> PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.141.

<sup>9</sup> Cf. KLIBANSKY, Raymond; PANOFKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturno y la melancolía*. Madrid: Alianza Editorial, 2004, pp. 23-5.

<sup>10</sup> Cf. SCLiar, Moacyr. *Saturno nos Trópicos. A melancolia européia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003., pp.169-245.

<sup>11</sup> SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.66.

<sup>12</sup> Cf. DOURADO, Maria Cecília. *A genealogia da tristeza: Paulo Prado e o ensaio sobre a formação da nacionalidade brasileira*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1996.

<sup>13</sup> CUNHA, Euclides. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997, pp. 54-5.

<sup>14</sup> Para Miguel Reale, a comprovação empírica mostrava-se para Euclides mais importante que a fundamentação teórica. Diz o autor: “enganam-se, pois, os que atribuam a Euclides a crença numa cosmovisão científica cerrada e dogmática, pois ele, invocando Kant, reconhece que ‘todo conhecimento provém da experiência’...”. REALE, Miguel. *Face oculta de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, p. 31.

<sup>15</sup> CUNHA, Euclides. *Os sertões*. op. cit.,p. 82.

<sup>16</sup> Cf. COSTA LIMA, Luiz. **Terra Ignota**. A construção de Os sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 123: “Depois de citar o Hegel das Lições sobre a Filosofia da História, Euclides anotava: ‘Aos sertões do Norte, porém, que à primeira vista se lhes equiparam [i.e. às estepes], falta um lugar no quadro do pensador germânico’”.

<sup>17</sup> CUNHA, Euclides da. op. cit., 95, 97, idem, 98.

<sup>18</sup> Id. Ibidem. p. 98.

<sup>19</sup> Id. Ibidem. p.113, 99, 96, idem, ibid., ibid, 110.

<sup>20</sup> Id. Ibidem. p.100, 99, 98.

<sup>21</sup> Id. Ibidem. p.109, 113, 111, 114.

<sup>22</sup> Id. Ibidem. p.113.

<sup>23</sup> Id. Ibidem. p. 118, 119, 122.

<sup>24</sup> Id. Ibidem. p. 125, 155, 134.

<sup>25</sup> Euclides mobiliza diversos elementos para mostrar essa coexistência de temporalidades distintas. O homem do sertão seria atávico, marcado por “divertimentos anacrônicos” (p. 145), “monoteísmo incompreendido” (p.154), “tradições do passado” que “permanecem intactas” (p. 121), etc.

<sup>26</sup> Id. Ibidem. p. 185.

<sup>27</sup> Cf. KOSELLECK, Reinhart. « Le concept d’histoire ». In: *L’expérience de l’histoire*. Paris : Gallimard, 1997, p. 51.

<sup>28</sup> Posteriormente, Euclides verá na Amazônia esta possibilidade. Cf. BARROS, Wagner dos Santos. **Euclides da Cunha, a Amazônia e os viajantes: o pensamento nacional no paraíso em construção**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2000.

<sup>29</sup> CUNHA, Euclides. **Os sertões**. op. cit., p.130, idem, 133, 135, idem.

<sup>30</sup> COSTA LIMA, Luiz. Nos sertões da oculta *mimesis*. In: **O controle do imaginário. Razão e Imaginação nos Tempos Modernos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, p. 226.

<sup>31</sup> CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. op.cit., p. 24, 21, 23, 25, 30, 31.

<sup>32</sup> Id. Ibidem. p. 43, 49, idem, 50, 49, 52, 54, 55, 54.

<sup>33</sup> Id. Ibidem. p. 73, 130, 132, 133, 135, 147.

<sup>34</sup> Cf. COSTA LIMA, Luiz. Nos sertões da oculta *mimesis*. op. cit., p. 238.

<sup>35</sup> CUNHA. Euclides da. **Os sertões**. op. cit., p.150.

## Referências bibliográficas

BARROS, Wagner Santos de. **Euclides da Cunha, a Amazônia e os viajantes: o pensamento nacional no paraíso em construção**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2000.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. **A República do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

COSTA LIMA, Luiz. Nos sertões da oculta *mimesis*. In: **O controle do imaginário. Razão e Imaginação nos Tempos Modernos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

COSTA LIMA, Luiz. **Terra Ignota**. A construção de Os sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

- DOURADO, Maria Cecília. **A genealogia da tristeza: Paulo Prado e o ensaio sobre a formação da nacionalidade brasileira.** Dissertação de Mestrado. Departamento de História, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2000.
- FREYRE, Gilberto. **Euclides da Cunha. Revelador da realidade brasileira.** In: **Perfil de Euclides e outros perfis.** Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclides, elite modernizadora e enquadramento.** In: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Euclides da Cunha.** São Paulo: Ática, 1984.
- HEGEL, G. W. F. **Filosofia da História.** Brasília: UnB, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. **Saturno y la melancolía.** Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. **Le concept d'histoire.** In: **L'expérience de l'histoire.** Paris: Gallimard, 1997.
- LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro.** São Paulo: UNESP, 2002.
- LUCA, Tânia de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação.** São Paulo: UNESP, 1998.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- REALE, Miguel. **Face oculta de Euclides da Cunha.** Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos Trópicos. A melancolia europeia chega ao Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui. O narrador; a viagem.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VENTURA, Roberto. **Estilo tropical. História, cultura e polêmicas literárias no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ZILLY, Berthold. **A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os sertões.** In: **Literatura e História na América Latina.** Org: CHIAPPINI, Ligia e AGUIAR, Flávio. São Paulo: Edusp, 1993.